

MULHERES MANGABEIRAS E SEUS TERRITÓRIOS: UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA E HISTÓRIAS DE VIDAS FORTALECENDO A IDENTIDADE DA COMUNIDADE MANGABEIRA 17 DE MARÇO EM ARACAJU / SE.

RICARDO TELES DÓREA¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas– ricardotelespedagogia@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas– profa.marciaalves@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte do projeto de tese no doutorado em educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS. A pesquisa será desenvolvida no estado de Sergipe com um grupo tradicional de áreas de restinga, que tem como meio de subsistência e de reprodução cultural os extrativismos da mangaba, de recursos de restinga e de manguezais, chamado Catadoras de Mangaba. A maioria delas é descendente de quilombolas, caiçaras e sitiantes, que sobrevivem da coleta da mangaba em áreas comuns e ou familiares.

As questões urbana e da construção civil destroem as reservas e espaços de sobrevivência dessas comunidades, contribuindo para uma dinâmica de extinção das comunidades extrativistas e do Movimento das Catadoras de Mangaba / MCM, que atualmente está ligado ao movimento das mulheres extrativista denominado *Rede Solidária de Mulheres Sergipe*. Para a construção do projeto, trilhei percursos formativos em diferentes espaços / tempos, estabelecendo relações com diferentes sujeitos e culturas, bem como meu desenvolvimento formativo pessoal e profissional traçando alinhavos que contribuem para meu desenvolvimento enquanto educador e pesquisador e assim traçamos alguns alinhavos da licenciatura, a pesquisa, prática docente e dentre outros percursos. Para Chamon:

O espaço social, o sujeito e sua trajetória são um vir-a-ser, sendo, antes, o resultado do percurso, das escolhas, das experiências vividas, das relações estabelecidas do que o ponto de partida; não estando dados e prontos *a priori*, eles são a própria e não condição para seu desenrolar (CHAMON, 2008, p. 36).

A realidade das comunidades tradicionais e extrativistas, durante décadas e gerações, acumularam conhecimentos a partir das diversas tradições, de diversas comunidades extrativistas com suas características e identidades, a relação com o meio ambiente e acúmulo de saberes-fazer, conceito que vamos desenvolver e trabalhar na tese, a partir das narrativas, histórias de vidas desses sujeitos. Nessas comunidades tradicionais entendemos o extrativismo animal, vegetal, de frutas e mariscos em seus territórios como essa atividade relevante economicamente, de geração de renda, produzindo novos conhecimentos, implicando nas formas e relações de trabalho, valorizando os ecossistemas, fortalecendo e aproveitando diferentes aspectos ambientais e as contradições em cada um dos seus territórios.

Há décadas, as comunidades tradicionais já utilizavam o território de várias formas. Nesse contexto, segmentos de comunidades, a exemplo das pescadoras artesanais, marisqueiras, quilombolas e catadoras de mangaba, reproduzem modelos de conhecimento no território através de formas próprias identitárias, ricos em diversos saberes e práticas tradicionais que identificam seus modos de vida. Conforme Santos:

Durante muito tempo, as atividades desempenhadas pelas catadoras de mangaba foram mantidas no anonimato, em virtude do desconhecimento e a desvalorização de suas práticas presentes

no litoral. Entretanto, atualmente nota-se que ocorreram algumas mudanças neste quadro, a exemplo do autorreconhecimento das catadoras de mangaba, a valorização econômica da mangaba, a criação de formas organizativas em defesa desse extrativismo e no acesso e uso dos territórios. (SANTOS, 2017, p. 22).

É nesse diálogo que buscamos pesquisar no doutorado os “cotidianos aprendentes” das Catadoras de Mangaba na Educação do Campo e Educação Popular desenvolvidas em suas comunidades. Conforme Nilda Alves,

É preciso, pois, que incorporem a ideia que ao dizer uma história, somos narradores praticantes traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio de nosso modo próprio de contar. Exercemos, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprender/ensinar. Buscamos acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato de pertinência do que é científico. É possível? Bem, se outros e outras fizeram antes de nós e continuam fazendo, por que não? (ALVES, 2001, p. 35).

Neste diálogo, analisar os *currículospraticantes* desse povo tradicional também é construir e visibilizar, por meio da educação popular e dos movimentos sociais, suas lutas, podendo contribuir para processos educativos e um currículo que levem em conta seus cotidianos, suas vivências e territorialidades.

Este estudo terá como base epistemológica/teórica a perspectiva feminista, a educação popular e do campo, as relações entre trabalho e educação, o conceito de interseccionalidade. E quanto ao referencial teórico-metodológico faremos uso da perspectiva da pesquisa biográfica.

2 METODOLOGIA

Entendemos que as lutas das mulheres mangabeiras, das lutas sociais e as educações popular e educação do campo não são elementos estáticos, fechado ou com fórmulas prontas e aplicáveis na solução dos problemas educacionais que persistem, mas possibilidades de ampliação do debate de construção e (re) construção de uma educação que surge a partir dos sujeitos envolvidos, sendo a pesquisa algo processual, de movimento, de cotidianos e (re)construção. Neste sentido, a proposta metodológica está dentro do campo da pesquisa qualitativa, que trabalha com uma realidade não quantificável, mas com:

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondam a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21).

A abordagem qualitativa exige, portanto, que o pesquisador explique sua visão de mundo e da realidade social em que este se encontra inserido. Não se pode ser neutro, nem tampouco condicionado pelos fenômenos apresentados. As ações serão desenvolvidas a partir de negociações e acordos com os sujeitos investigados em seu próprio campo de atuação. A visão que temos da sociedade orienta em grande medida a nossa análise e, conseqüentemente, nossa atuação sobre esta realidade,

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

A nossa proposta em construção está dentro do campo da pesquisa qualitativa, que trabalha com uma realidade não quantificável, mas com:

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondam a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21).

A abordagem qualitativa exige, portanto, que o pesquisador explique sua visão de mundo e da realidade social em que este se encontra inserido. Não se pode ser neutro, nem tampouco condicionado pelos fenômenos apresentados. As ações serão desenvolvidas a partir de negociações e acordos com os sujeitos investigados em seu próprio campo de atuação. A visão que temos da sociedade orienta em grande medida a nossa análise e, conseqüentemente, nossa atuação sobre esta realidade. Assim, a pesquisa qualitativa é:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

É nessa direção, a partir dessas leituras, reflexões e textos, que vamos nos aproximando da temática do feminismo do ponto de vista histórico, político, social permitindo perceber a evolução dos movimentos feministas, o protagonismo desse movimento e as mudanças nas diferenças das questões nos espaços sociais, políticos, culturais no cotidiano. Tais leituras tem contribuído na ampliação do arcabouço teórico, possibilitando fazer algumas correlações com meu projeto de doutoramento, cujo o tema em desenvolvimento.

Produzir essa pesquisa com as Catadoras de Mangaba em Sergipe será um movimento praticante entre as territorialidades e os cotidianos desse grupo tradicional, no entendimento que seus *fazeressaberes*, que muito poderão contribuir para se pensar outras educações do campo no estado de Sergipe, o Protagonismo, a história de vida, a produção cultural, educacional dessas mulheres camponesas e extrativistas, em nosso caso com as Catadores de Mangaba a partir de uma perspectiva de um movimento feminista com fundamentos em uma base teórica sobre feminismo, a pesquisa em construção poderá utilizar como metodologia pesquisa biográfica a partir da escutas das mulheres catadoras participantes deste movimento.

A partir das leituras e as conexões das produções escritas, faz-se necessário questionarmos de forma crítica a leitura que se faz do mundo e as relações mercantilizadas por imposição da lógica do capital. A necessidade da complexa compreensão sobre a colonialidade, o multiculturalismo neoliberal e interculturalidade analisadas partir de uma perspectiva crítica, de transformação das estruturas sociais, questões de vida, de conhecimento a partir da práxis e pedagogia intercultural fundamenta na perspectiva da decolonialidade assim para Freire (1987), *ler criticamente o mundo é um ato político-pedagógico; é inseparável do pedagógico-político, ou seja, da ação política que envolve a organização de grupos e de classes populares para intervir na reinvenção da sociedade.*

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo faz uso dos referenciais da pesquisa biográfica e participante nos/dos/com cotidianos das Catadoras de Mangaba de Sergipe. O trabalho também fará uso da análise documental, pesquisas, estudos, entrevistas, visitas de campo, relatórios, projeto do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM), entre outros. A proposta será de adotarmos diários de campo e outros percursos e instrumentos que se façam necessários. Serão realizadas de forma presencial, com visitas em campo, entrevistas individuais de áudio e de vídeo, roda de conversa e outras formas coletas de dados e registros *in loco*. Já fizemos duas visitas a comunidades e tivemos de forma informal com duas líderes do movimento das mangabeiras.

4 CONCLUSÕES

De modo que tais elementos, norteados pelo princípio da pesquisa de história de vida, narrativas baseadas nos princípios epistemológicos da Pedagogia Feminista, Movimento Camponesa / Extrativista e a Pedagogia Interseccional em diálogo com as redes de conhecimentos, necessita de uma interpretação para a necessária compreensão da complexidade das relações, os conflitos e os diálogos como elementos fundamentais de análise sobre o campo de estudo. Essa teia impulsiona a necessidade de se comprometer com perspectivas de análises pautadas em uma razão ampliada, onde se implica com diversas subjetividades no anseio de se conhecer a si mesma e ao mundo por meio de uma visão emancipatória.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em Reforma, Saberes em Trânsito**: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação).

FERNANDES, Bernardo Mançano e MOLINA, Mônica C. **O campo da Educação do Campo**. In. Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Mônica Castagna Molina e Sonia Meire Azevedo de Jesus (orgs.). Brasília:DF, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

RAGO, Margareth. A mulher na historiografia brasileira, 1994 In: CUNHA, Maria de Fatima da. **Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença**. História Ensino, Londrina, v.6, p.141- 161, out 2000, p.150

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio & ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: D&PA, 1998.